

## EDITORIAL

### GEOGRAFIA E PLANEJAMENTO: FRONTEIRA ENTRE CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO

Heitor Soares de Farias

É com grande satisfação que a *Revista Continentes, do Curso de Geografia do Departamento de Geociências da UFRRJ*, oferece ao público seu sexto número. Completamos o nosso primeiro triênio de existência e iniciamos um novo ciclo, pois a partir do próximo número a *Continentes* passará a ser a revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ, um programa de mestrado *multicampi* que Seropédica e Nova Iguaçu estão dividindo. Por este motivo escolhi compor a capa deste número com duas fotos do prédio principal, também conhecido como P1, da UFRRJ, do *campus* Seropédica, representando o início, o que foi planejado, pois a partir daqui a revista se transforma.

Somente aqueles que já participaram da confecção de um periódico sabem o quão trabalhoso é elaborar uma nova edição. Assim, aproveito para agradecer a todos que contribuíram para que a *Continentes* possa, mais uma vez, ser publicada. Obrigado pela dedicação e apoio, pois essa ajuda foi fundamental para mais uma publicação de alto nível, mantendo esse espaço privilegiado de produção e divulgação do conhecimento geográfico.

O presente número trata-se de um dossiê sobre planejamento urbano-ambiental, pois, quase que por acaso, se é que existe acaso, conseguimos reunir trabalhos voltados a pensar o planejamento, seja num viés urbano, ambiental, ou mesmo urbano-ambiental, que tem na cidade (e na Geografia) o grande desafio de solucionar os problemas sócio-espaciais. É importante observar a multiplicidade de possibilidades de análise para entendimento da ação de planejar. Como a Geografia se multiplica em muitas subáreas e especializações, estamos dando espaço para o surgimento de novos temas, novas metodologias, o resgate de conceitos e, também, a formação de novos pesquisadores.

O artigo que abre a revista é assinado por mim e trata-se de um ensaio, onde discuto muito brevemente a importância da construção de indicadores sintéticos no planejamento e gestão urbana, e aplico na região metropolitana do Rio de Janeiro, utilizando dados dos últimos censos demográficos para espacializar a qualidade de vida na nossa metrópole fluminense, gerando subsídios para localização de políticas públicas. Um artigo empirista que conclui ressaltando os importantes avanços sociais atingidos que se refletiram na melhoria da qualidade de vida na região metropolitana do Rio de Janeiro na última década.

O próximo artigo é assinado por Zélia Aurea Thomaz, que traz uma análise da complexa estrutura de poder geopolítico entre a França e suas colônias. A população francesa migra para a antiga metrópole em busca de melhores condições de vida e justiça social. Clichy-sous-Bois, área periférica das mais precarizadas, a quinze quilômetros de Paris, abriga população com mais de cem nacionalidades, é exemplo de área receptora dos migrantes franceses que se destinam a Paris. Com o objetivo de identificar como ocorre a integração sócio-espacial e cultural para aqueles que possuem referências distintas dos cidadãos ditos franceses legítimos, a autora realizou um trabalho de campo em Clichy-sous-Bois na tentativa de extrair relatos dos jovens que vivenciam a realidade local. Os relatos são muito interessantes e nos permitem enxergar a periferia para além de seus problemas urbanos, mas também com problema identitário que, no caso da França, descortina sentimentos como *nacionalismo, eurocentrismo, religiosidade e civilização*, por exemplo.

O artigo seguinte é de Antônio Carlos Oscar Jr., Doutorando em Geografia pela UNICAMP, e atualmente Diretor de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. Ele traz sua contribuição ao planejamento urbano-ambiental criticando a concepção e a operacionalização do planejamento territorial atual, que não considera os sistemas ambientais. É preciso conhecer as fragilidades do meio, associando o suporte físico-natural à infraestrutura territorial para atingir um nível de adaptação que não se traduza em desastres. Sua construção teórica apoia-se na evolução de sistemas adaptativos complexos, resgatando para isto o conceito de panarquia, ideia desenvolvida por Holling *et al.*, publicada em 2001.

No artigo seguinte André Batista de Negreiros, Professor do curso de Geografia da Universidade Federal de São João Del-Rei, e seus alunos de graduação Thais Ferreira

Resende e Gustavo Pyra Almeida, trazem mais uma contribuição que visa superar a visão fragmentada do espaço, o que pode ter sido o grande ponto de partida para as crises ambientais do presente. Como forma de repensar a natureza e o espaço como um todo, os autores propõem a retomada de uma abordagem integradora dos diferentes elementos, a Geoecologia. O termo data de 1939 e foi proposto para abordar a paisagem de forma sistêmica e interligada. O objetivo desta retomada é subsidiar o planejamento territorial, políticas públicas que visem à conservação da biodiversidade e diferentes políticas de ordenamento territorial.

O próximo artigo é escrito por Daniel Cunha, Engenheiro Químico pela UFRGS, Mestre em Ciência Ambiental, assessor ambiental do Ministério Público do Rio Grande do Sul. O autor discute o atual momento em que vivemos, baseando-se em Marx, para criticar a lógica do modelo de produção mundial diante de uma iminente, pra não dizer corrente, crise climática consequência do aquecimento global. Apesar de diferentes indicadores mostrarem que as concentrações de poluentes, como dióxido de carbono e nitrogênio, estão bem acima dos limites aceitáveis, o ritmo de produção capitalista não segue a lógica condizente com o quadro climático apontado. Isso define o fetichismo (capitalista) diante do momento onde a intervenção humana no planeta pela primeira vez atinge a escala global, capaz de se igualar em magnitude às forças da natureza (Antropoceno). O autor destaca como é espantoso que muitos ambientalistas ainda preguem a eficiência como uma solução ecológica, sem notar que a forma de riqueza social capitalista (valor) transforma a produtividade em uma força destrutiva.

O próximo texto, da seção Posições, foi escrito por Marcio Rufino Silva, docente do Departamento de Geociências da UFRRJ. A partir de uma discussão já realizada sobre fronteiras e territorialidades, surge sua pesquisa sobre a Zona Oeste da metrópole paulistana, mais especificamente, sobre a Operação Urbana Consorciada Vila Sônia. Trata-se de um conjunto de intervenções abrangendo partes consideráveis do território que recebeu infraestruturas de transporte justificavam tais intervenções e constituíam o alibi para o aumento dos preços dos imóveis. Essa manobra foi um dos fatores que contribuíram para que parte da população fosse para as ruas de São Paulo, engrossando a multidão que em junho de 2013 estava em passeata bradando contra o governo, num movimento que teve início na luta contra o aumento das passagens – não é só por vinte centavos. O autor usa tal discussão sobre planejamento urbano e

política como mote para criticar o momento em que vivemos sobre o caráter ainda mais conservador e fisiológico do novo Congresso Nacional brasileiro, eleito em 2014. Provocativo, questiona sobre qual o poder das mídias, especialmente, a “grande mídia”, em todo esse embate político que vivemos desde então?

O próximo texto, já na seção Relatos de Pesquisa, foi escrito pelas alunas formandas da graduação em Geografia da UFRRJ, Raiza Carolina Diniz Silva e Thamires Lacerda Chaves Bispo, orientadas pelo professor Leandro Dias de Oliveira. O texto discorre sobre novas formas de produção do espaço urbano no município de Resende, no Estado do Rio de Janeiro, que promoveram segregação sócio-espacial na localidade Grande Alegria. O crescimento deste município, considerado de porte médio, é decorrente da chegada de novas indústrias, fruto do processo de desconcentração industrial das metrópoles, que levou a criação de conjuntos habitacionais para abrigar uma população de mais baixa renda. Atualmente, com a continuidade da expansão industrial no município, junto ao crescimento da sensação de insegurança dos centros urbanos, vem surgindo empreendimentos destinados às classes média alta e alta, inclusive nos arredores dos conjuntos habitacionais. Essas questões de segregação, fragmentação e crise do espaço público colocam em pauta o esgotamento da cidade como forma de reprodução de relações sociais a partir do momento que a demanda do capital e do valor nos espaços cercam áreas que possibilitariam trocas entre os indivíduos, e na auto-segregação e enclausuramento de uma parte da população “presa” atrás dos muros.

Já na sessão seguinte, a resenha foi assinada por Maurilio Lima Botelho, docente do Departamento de Geografia da UFRRJ, sobre o livro *“Tempo Comprado – a crise adiada do capitalismo democrático”*, de Wolfgang Streeck, lançado em 2013, sobre economia política, enquanto história racionalizada da evolução do capitalismo nos últimos quarenta anos.

Assim, com um breve resumo do conteúdo desta revista, esperamos que você possa fazer boas leituras, refletindo sobre os diferentes vieses do planejamento e da contribuição da Geografia no futuro da nossa sociedade.